

BRASÍLIA, DF, 15 DE AGOSTO DE 2002

Para evitar, porque não tenho a nominata aqui e não estava previsto que eu falasse, que eu omita alguém: Meus Companheiros de Mesa aqui presentes; Senhoras e Senhores,

Brevíssimas palavras. Primeiro, de agradecimento por esta homenagem ao Presidente da República, mais do que à pessoa que ocupa o cargo. Mas é natural que a pessoa também se sinta feliz, por ter recebido esta condecoração. E, depois, o desejo de que, neste prédio, o Ministério Público continue como começou. Começou bem – aqui, nós temos presentes aqueles que fizeram o Ministério Público, depois da Constituinte de 1988; não quero citá-los, não é preciso – e continua bem.

Continua o Ministério Público simbolizando aquilo a que nós aspirávamos, em 1988, na Constituinte. E alguns dos constituintes estão aqui presentes. Alguns deles têm mais sorte do que eu. São Ministros do Supremo Tribunal Federal.

E o que nós desejávamos, naquela altura, era, precisamente, que houvesse um Ministério Público independente, separado da Advocacia Geral da União, que também se organizou e também está atuando com

vigor, de tal maneira que possa haver aquilo que é necessário nas democracias, que é o contraditório. E que haja aqueles que olhem as leis em nome da sociedade, e não, simplesmente, em nome do Estado ou em nome do Governo.

Essa é a função do Ministério Público, que a vem exercendo com brilhantismo. E, quem diz, às vezes até sofre as conseqüências da independência do Ministério Público. Mas sofre com satisfação, porque vê que estamos construindo uma sociedade verdadeiramente democrática, em que os direitos têm que ser respeitados, em que as hierarquias são reconhecidas, mas não implicam imunidades ao respeito à lei.

Quero felicitá-lo, Doutor Brindeiro, pelo que está sendo feito, no Brasil, pelo Ministério Público. E deste prédio eu tenho inveja, me perdoem, só um minutinho, eu tinha inveja, antes, de um outro local, que eu pude habitar, que é o Itamaraty. A sala do Chanceler do Brasil é a mais bonita de Brasília. Eu ameço, sempre, que um dia eu a tomo para o Presidente da República. Até agora, eles se defenderam. Ao entrar aqui, o Doutor Brindeiro teve o cuidado de não me mostrar quase nada, de modo que não tenho, ainda, a sensação de algum dia poder requisitar para a Presidência.

Mas, dito isso, creio que as referências feitas pelo Doutor Brindeiro à genialidade do Niemeyer, sem deixar de falar, também, no Lúcio Costa, requerem que Brasília mantenha um certo estilo.

Eu sempre me referi a Brasília como uma cidade asteca. Por que asteca? Porque parte de suas cidades era nobre e era separada para os cerimoniais do poder. Eram cidades sagradas para o cerimonial do poder. E Brasília foi pensada assim. É uma cidade em que o ofício do poder é exercido, e todo o cerimonial do poder, pelo menos aqui, na parte central de Brasília. E é uma cidade branca, como que a buscar inspiração, quem sabe, lá na acrópole grega. E é uma cidade em que se quer um poder que pode parecer abstrato.

Niemeyer teve o cuidado de, para evitar que isso desse a sensação de algum autoritarismo, fazer o Congresso muito maior do que o Planalto e, até mesmo, maior do que o Supremo Tribunal Federal.

Mas é uma cidade do cerimonial do poder. Agora, esse poder começa a ficar colorido. Não só o poder, a cidade. Em frente ao Palácio da Alvorada, onde transitoriamente habito, se vê um vermelho, um hotel. Confesso que não gosto muito, não por ser vermelho, mas por tingir a brancura de Brasília.

Aqui eu já vejo um prédio – em que é a primeira vez que entro – um prédio negro. Depois, eu pensei: “Mas é melhor assim. Brasília muito grega não é Brasil. Nós somos mulatos. É melhor confundir mais. É melhor ter um pouco mais desse arco-íris.” Então, eu acho que, realmente, este prédio vem completar esta Brasília, na diversidade do Brasil.

Desejo que tenham muita sorte aqui e que continuem a ser, como são, fiéis servidores da lei.

Muito obrigado.